

AS TICS COMO FERRAMENTAS DE PERPETUAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA

Isabella de Gregório Santos¹, Anderson Luiz de Oliveira²

¹Graduada com habilitação em Letras – Português/Inglês e especialista em Ensino de Línguas Mediado pelo Computador, professora EBTT – IFTO. e-mail: <isabella.santos@ifto.edu.br>

²Graduado em Sistemas de Informação e mestrando no Programa de Mestrado Profissional em Educação da UFT, professor EBTT – IFTO. e-mail: <anderson.oliveira@ifto.edu.br>

Resumo: Estudos indicam que, ao incorporar elementos da cultura ocidental, o indígena acaba perdendo sua identidade, e conseqüentemente seus processos culturais e educacionais. Muito se julga ao vê-lo usufruindo das tecnologias criadas em meio à industrialização, e pesquisadores tentam provar que a assimilação da cultura ocidental acarreta na tomada de um lugar secundário de sua originalidade em relação ao que a civilização lhe oferece. Por meio de revisão bibliográfica de revistas científicas, este artigo propõe desmitificar que a utilização das TICS seja fator determinante para esse processo, podendo ser utilizada como ferramenta de preservação de seu patrimônio cultural. A partir desta pesquisa pode-se perceber que as TICS não só auxiliam na manutenção de sua cultura materna, como também oferece uma visão mais positiva da participação do indígena na sociedade em rede, e que o discurso popular que envolve TICS e cultura indígena detém uma certa tentativa de estereotipação desses povos.

Palavras-chave: Educação e cultura indígena, estereótipo, identidades, sociedade em rede, tecnologia da informação e comunicação

1 INTRODUÇÃO

O pensamento popular idealiza o indígena como aquele que deve manter seus costumes de crença, métodos autossustentáveis de sobrevivência e organização social. Crê-se que ele possui moradia, língua, vestes, características e habilidades físicas que o diferem do homem branco, além de uma heterogeneidade cultural, como se houvesse fronteiras muito bem delimitadas entre a cultura indígena e a ocidental.

Neste entendimento, quando o indígena se “contamina” ou, em palavras eufêmicas, “pega emprestado” traços de uma cultura dominante, ocorre o que Cohn (2001, p.37) chama de aculturação, “um processo regressivo de perda cultural, a que os povos nativos (não-ocidentais, “primitivos”) de todo o mundo estariam especialmente sujeitos”. É esta versão a que se prendem os que asseveram que a assimilação de elementos da cultura dominante é fruto de ideologias voltadas ao capitalismo, distanciando o indígena cada vez mais de sua tradição.

Entretanto este entendimento equivoca-se quando se percebe que, segundo Detienne (1985, *apud* COHN, 2001, p. 38), “a tradição não é um *corpus* fechado que persiste no tempo. O processo de transmissão de uma tradição diz respeito a uma reprodução social que convive com a mudança, a variação inerente do ato de repetição”. Se considerado o caráter individual da disseminação cultural por meio da oralidade, por exemplo, nota-se que esta cultura será seguidamente remoldada à medida

que seu propagador incorpora sua subjetividade. E o que o homem do século XXI experiencia é um processo de globalização do qual o indígena não deve - nem pretende - se isolar.

É a partir dessa assertiva de mudança e transformação que o presente artigo se embasa. Buscou-se demonstrar que o mundo moderno, especialmente no que se refere às contribuições das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), pode agregar na perpetuação da cultura indígena, sem que esta se prive das vantagens que as TICs representam para esse objetivo. O que se percebe é uma grande receptividade do indígena à inclusão digital e à oportunidade de utilização dessas ferramentas para necessidades reais de seu povo, quando eles passam da condição de meros usuários passivos para a de agentes de construção e manutenção do conhecimento.

2 METODOLOGIA

Para a seleção do material que embasou esta revisão bibliográfica, foram feitas pesquisas em revistas eletrônicas a partir do *site Google Scholar*, uma plataforma de busca específica para trabalhos acadêmicos. Foram aplicados os filtros “tecnologia da informação e comunicação”, “aldeia indígena” e “indígena”, um termo relacionado ao outro em uma mesma busca.

Nas próximas seções serão expostos breves apontamentos de pesquisadores sobre a questão da aculturação do indígena no Brasil. Em seguida será apresentado o que se pode entender por Tecnologias de Informação e Comunicação. Isto se faz necessário para abranger todo e qualquer aparato tecnológico que possa ser exemplo do que se pretende afirmar neste artigo. Também será esclarecido o termo “letramento digital” para que haja diferenciação dos diferentes graus de letramento digital de um indivíduo, o que influencia diretamente no que ele pode (re)produzir a partir do artefato tecnológico. Também será discutido como os estudiosos pesquisados contrariam as perspectivas da aculturação, alicerçando-se em observações e experiências de projetos aplicados à construção de conhecimento pelos indígenas utilizando as TICs na aldeia, e observações da ação docente indígena em uma aldeia sulmatogrossense. Por fim serão validados os moldes com que se deve pensar no auxílio das TICs não como produto final, mas como um meio de registro e difusão da cultura indígena.

3 APONTAMENTOS DOS PESQUISADORES SOBRE ACULTURAÇÃO INDÍGENA NO BRASIL

Em buscas na *Internet*, no *site Dicio*, sobre o termo “aculturação” percebe-se sua definição como “processo de alteração cultural de uma pessoa, grupo ou sociedade que busca se adaptar a outra cultura ou retira dela aspectos importantes”. Esta pode ser considerada uma ideia ainda muito razoável

do que se pensa em relação à aculturação indígena, pois não considera a “rejeição” de sua própria identidade em prol da incorporação da cultura ocidental dominante. Ela apenas cita a adaptação necessária quando se faz uso de um artefato proveniente de uma outra cultura, por exemplo. O caso das TICs não seria diferente, já que o letramento digital proporciona ao indígena sua participação na estrutura social.

Porém o mesmo *site* traz o termo *cunhado* à luz da sociologia de que é um “processo através do qual alguém passa a possuir a cultura da sociedade em que está inserido”. Nesta definição o indígena seria totalmente inconsciente da importância de sua agência em sociedade e do desaparecimento de suas características próprias. Aqui não há flexibilidade, não há sociodiversidade, e esta definição seria demasiado rígida para definir qualquer homem do século XXI. A sociedade atual experiência uma permissividade gigantesca na interação de qualquer domínio, o que pode-se entender pela tão notável globalização.

O que motivou este artigo não foi somente esta concepção inflexível do pensamento popular sobre a incorporação de elementos de uma segunda cultura pelos indígenas. A partir de revisão bibliográfica das revistas percebeu-se que os autores também encontraram em suas fontes teóricas indigenistas que atuavam ativamente em prol da defesa e proteção desses povos, mas que admitiam a sua “destribalização” à medida que o indígena assimilava a cultura europeia.

Cohn (2001) evoca Darcy Ribeiro, famoso antropólogo, membro do antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e estudioso da ruína étnica e demográfica indígena causada colonização europeia no Brasil. Ribeiro possui um discurso derrotista face à extinção de povos indígenas e a possível continuidade do apagamento progressivo dos povos restantes. Em seu livro “Os índios e a civilização” ele traz argumentos históricos que levam a crer quase que inquestionavelmente sobre esse destino pessimista.

Porém, apesar do que aponta Ribeiro, o que se observou foi um crescimento da população (comprovado estatisticamente) e a emergência de etnias antes consideradas extintas (RIBEIRO, 1995 *apud* COHN, 2001, p. 37). É percebido também que, assim como todas as outras culturas, esta também se recicla. Os direitos assegurados pela Constituição de 1988, por exemplo, viabiliza a aceitação de que essa reciclagem está cada dia mais sendo certificada, e que mais ações serão pensadas para a manutenção dos benefícios e tradição desses povos.

Quando se pensa em reciclagem, um dos meios mais atuais da (re)construção e difusão de conhecimento é a *Internet* e o computador. Na próxima sessão serão trabalhados os conceitos destes

termos e as suas aplicações de forma que viabilizem o indivíduo a não só consumir tecnologia, mas fazer dela um meio pelo qual ele engendra projetos - ser realmente letrado digital.

4 TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E LETRAMENTO DIGITAL

Com a democratização da utilização de tecnologias através da inclusão digital, a população passou a ficar conectada.

A questão da inclusão digital é oferecer a todos os indivíduos de uma sociedade (independente da classe social, origem geográfica, educação, idade, existência de deficiência ou preconceitos raciais) oportunidades de acesso a dispositivos digitais para conexão, acesso à internet e o domínio de ferramentas. (JACON, 2014, p. 16).

Entende-se por TICs a utilização de aparatos tecnológicos que impactam diretamente na forma de interação e/ou comunicação nas relações humanas. Elas estão inseridas seja na locomoção, trabalho, educação, comunicação ou ainda, em sua vida pessoal, ou seja, uma sociedade em rede ou uma sociedade conectada.

Para Xavier (2011, p. 6) o letramento digital pode ser definido como:

o domínio pelo indivíduo de funções e ações necessárias à utilização eficiente e rápida de equipamentos dotados de tecnologia digital, tais como computadores pessoais, telefones celulares, caixas-eletrônicos de banco, tocadores e gravadores digitais. (Xavier, 2011, p. 6)

Essa significação corrobora com a ideia de que o letramento digital não é apenas ter a TIC em mãos, mas também, saber utilizar e aproveitar dos recursos que ela oferece.

5 O QUE MOSTRAM OS ESTUDOS DE CAMPO SOBRE O USO DAS TICs PELO INDÍGENA NA PERPETUAÇÃO DE SUA CULTURA

Com a aproximação dos centros urbanos com as comunidades indígenas, e tendo a necessidade de convivência entre os povos, até mesmo pela assistência social e financeira estabelecida pelos órgãos governamentais às comunidades indígenas, o índio passa a ter acesso a recursos tecnológicos fazendo com que mudem - ou adaptem - suas práticas e sua cultura às ferramentas que precisam utilizar para interagir com o meio.

Feitosa (2017) apresenta a introdução das TICs nas aldeias indígenas através dos “processos culturais e educacionais”. Mesmo com o fato de a padronização do material didático apresentar uma

cultura não indígena e ter-se como desafio evitar que gradativamente os índios percam suas raízes culturais por meio da assimilação da cultura hegemônica com a utilização das TICs, no contexto escolar elas apresentam informações que lhes permitem um melhor domínio da comunicação e da relação com a sociedade nacional e mundial, também lhes permitindo a protagonização de sua identidade indígena e seus processos culturais e educacionais.

Costa (2010, p.13) em seu artigo *A comunidade indígena e o mundo tecnológico: reflexões sobre os impactos das mídias sociais na vida dos Aikewára*, apresenta o impacto das mídias sociais (TICs) na vida desta comunidade e a inevitável entrada das tecnologias na comunidade e a preocupação na perda da identidade de sua cultura e corrobora ao concluir que

é possível hoje utilizar os recursos tecnológicos em benefício da comunidade, pois eles abrem novas possibilidades, principalmente no sentido de que podem servir também para atrair e seduzir o mundo indígena, ou seja, contando a história e memória do povo nos artefatos.

Dessa forma, a autora reafirma a possibilidade de utilizar as TICs não como meros espectadores da rede, mas como protagonistas de sua cultura na rede de comunicação e informação.

Para Mendonça *et. all* (2016) em seu artigo “O uso da tecnologia no auxílio à preservação do idioma indígena: o caso xakriabá”, é grande a importância das TICs para a preservação do idioma e auxílio na educação bilíngue com o sistema SISCAPI, utilizado para a catalogação do idioma da comunidade xakriabá através da escrita, imagem e pronúncia. Desta forma, mantém-se a cultura do idioma com esta ferramenta tecnológica pela sua utilização na formação das crianças da comunidade. Isso reafirma a importância das TICs para a preservação da cultura indígena, e não para a sua perda.

Renesse (2011), em sua dissertação intitulada “Perspectiva indígena sobre a *internet*: ensaio regressivo sobre o uso de comunicação e grupos ameríndios no Brasil” apresenta que o próprio indígena “caminha para garantir a sua autonomia e o estatuto de sua diferença, e que os índios não estão se isolando na sua diferença, mas assumindo e reivindicando uma participação na sociedade em um âmbito maior.” Eles objetivam integrar as suas comunidades ao mundo global, (RENESSE, 2011. p. 8) até mesmo por “estudarem, entrarem em universidades, ocuparem cargos públicos e funções políticas na estrutura do Estado e utilizam os meios de comunicação eletrônicos e outros para tecer suas relações para muito além do grupo.”, desta forma, fazendo da utilização das TIC’s um meio de interagir e comunicar com o mundo global.

Para Oliveira (2018, p. 119-124), em seu artigo *Da Aldeia à WEB: TIC em uma escola indígena de Miranda-MS*, “a sociedade caminha junto com a educação” e “o avanço na utilização das TICs tem influenciado a alteração do comportamento do estilo de vida da humanidade”. Porém os

recursos tecnológicos chegam apenas aos povoados mais próximos do perímetro urbano, onde o acesso é mais fácil e o governo proporciona o incentivo. Para as comunidades afastadas, ainda se tem grandes dificuldades. Ainda neste artigo Oliveira (2018, p. 124) conclui que “os recursos e meios das TICs, disponíveis na escola indígena não estão sendo utilizados pela comunidade escolar em virtude da falta de habilidade e conhecimento adequado”, levando então a refletir sobre como a TIC deve ser inserida neste meio, se de forma voluntária pela comunidade, ou progressiva com formação adequada para a sua utilização.

Jesus e Maldonado (2017), no artigo Ciberprofessores indígenas: narrativas através das Tecnologias da Informação e da Comunicação, nos apresentam uma perspectiva diferente, trazendo o ponto de vista de professores indígenas sobre a entrada das TICs nas aldeias. Nela o ambiente virtual possibilita a “produção e sustentação de narrativas identitárias, pontos de vista e articulações políticas” (JESUS E MALDONADO, 2017), ou seja, os usuários se apropriam do ambiente virtual para apresentar ao mundo a representação de si mesmo e de seu meio. Isso é praticado pelo homem ocidental e pelo indígena na propagação de sua memória.

Diferentemente do que afirmou Oliveira (2018), Jesus e Maldonado (2017, p.1) apontam que “as redes *Wi-Fi* disponíveis em locais públicos aumentam a abrangência de acesso dos adeptos do mundo virtual, o que torna difícil categorizar os incluídos e os excluídos digitais”, e debatem que “a cibercultura faz parte da vida de todas as pessoas, até mesmo daquelas que não navegam na *internet* pelo simples fato de existir nos dias de hoje a chamada *internet das coisas*” (LEMOS, 2013 *apud* JESUS E MALDONADO, 2017). Este seria o termo designado às conexões de objetos à *Internet*, assim, proporcionando a comunicação entre os usuários e dispositivos.

Desta forma não há que se fazer grandes esforços para observar que o alcance à *Internet* pelos povos indígenas não é algo que pareça complexo, tampouco algo que seja considerado regalia. Se a intenção da asseguarção de direitos indígenas é justamente reconhecer seu pertencimento à sociedade mundial, deve-se pensar que o acesso às TICs é ferramenta indispensável para uma concorrência igualitária entre os povos.

Sobre esses direitos igualitários e concorrência, Jesus e Maldonado (2017) denunciam a tentativa de estereotipação dos povos indígenas. Eles apontam que o questionamento da identidade e aculturação indígena se mascara na “intenção de enfraquecer o movimento” (p.8). Segundo essa concepção, o domínio - ou uso - das TICs nada tem a ver com uma real problemática ou preocupação sobre a perpetuação cultural.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A utilização de ferramentas tecnológicas não significa apenas estar atualizado com as últimas novidades do mercado capitalista, mas garantir igualdade de condições para se buscar afirmação do indivíduo como integrante de processos evolutivos em sociedade. Esta pesquisa buscou constatar a percepção positiva de pesquisadores e comunidades indígenas pesquisadas quanto às vantagens que o contato com o artefato tecnológico pode ocasionar, principalmente no que diz respeito à manutenção de sua cultura materna.

Após revisão bibliográfica de revistas eletrônicas indexadas no *Google Scholar* sobre as TICs inseridas em diferentes comunidades indígenas, e especificamente relacionada à perpetuação e disseminação da cultura, observou-se que as TICs já fazem parte destas comunidades e que elas tem o interesse em sua utilização devido à necessidade de interação social. Além disso, as leituras alertaram para o fato de que a percepção da sociedade ocidental em relação à aculturação indígena pode ser exagerada. Se a integração das TICs na sociedade global ocorreu de forma tão rápida em todo o planeta, mudando radicalmente as relações entre os homens e máquinas, o estilo de vida do homem moderno e a forma como ele se situa no mundo, por que o indígena já não teria sofrido um processo de aculturação rápida e absoluta? Talvez este questionamento já pressuponha que de fato sempre houve a preocupação em se conservar a cultura indígena, e de que isso ocorra naturalmente à medida que eles encontram nas TICs uma forma mais atual de se trabalhar a própria temática indígena.

Outro fato que não deve ser ignorado é que há uma corrente de pensamento que submete o indígena a questionamentos quanto aos seus processos de adaptação cultural. Sob o ponto de vista de alguns pesquisadores, essa corrente é denunciada de forma a desmascarar uma falsa preocupação pelo aspecto cultural e político na tentativa de abater os esforços na luta pelo reconhecimento indígena, o que levanta objetos de discussão muito mais complexos e sensíveis.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como limitação de pesquisa, observa-se que os apontamentos e estudos sobre a aculturação indígena, a influência da cultura ocidental sobre a cultura indígena e tudo o que se afirmou neste e nos textos usados como referência partem do ponto de vista do homem branco. Textos autênticos serviriam para confirmar ou questionar a bibliografia atual, e poderia abrir novas perspectivas de estudos.

O indígena tem consciência de seu lugar e importância no mundo. Independentemente das TICs e da opinião de quem não conhece a fundo sua realidade, ele continuará no processo evolutivo de transformação da cultura (e não aculturação) a partir da subjetividade. E o homem (indígena ou não) dissemina essa cultura por meio da oralidade, aplica suas percepções individuais e diversas dependendo do lugar e tempo de fala - isso é inerente a todos os povos. A participação das TICs nesse

processo está centrada apenas em como elas os auxiliarão e nas facilidades que elas proporcionam para esse fim.

REFERÊNCIAS

COHN, Clarice. **Culturas em transformação: os índios e a civilização**. São Paulo Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 36-42, abr. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 jan 2019.

COSTA, Alda Cristina. A comunidade indígena e o mundo tecnológico: reflexões sobre os impactos das mídias sociais na vida dos Aikewára. **Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, Anais. Pernambuco: UFP**, p. 1-14, 2010. Disponível em <<http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Alda-Cristina-Costa.pdf>>. Acesso em 29 jan 2019.

ACULTURAÇÃO. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/aculturacao/>> Acesso em 09 fev 2019.

FEITOSA, Leni Barbosa. **As TIC's e a educação escolar indígena: possibilidades e desafios**. Humanidades e Inovação, Palmas, v. 4, n. 4, p. 88-96, nov 2017. Disponível em <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/389>>. Acesso em 28 jan 2019.

JACON, Liliane da Silva Coelho. **Dispositivos Móveis no Ensino de Química: o professor Formador, o profissional de informática e os diálogos possíveis**. 2014. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação PPGECEM da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática REAMEC Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT.

JESUS, Naine Terena; MALDONADO, Maritza C. Ciberprofessores indígenas: narrativas através das Tecnologias da Informação e da Comunicação. # **Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, v. 6, n. 1, 2017. Disponível em <<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/2217>>. Acesso em 28 jan 2019.

MENDONÇA, Dener Guedes; LIMA, Joselice Ferreira; GUSMÃO, Claudio Alexandre. **O uso da tecnologia no auxílio à preservação do idioma indígena: o caso xakriabá**. Revista de Informática Aplicada, Januária, v. 12, n. 1, p. 41-51, 2015. Disponível em <<http://www.ria.net.br/index.php/ria/article/view/159>>. Acesso em 28 jan 2019.

OLIVEIRA, Ednei Nunes de. **Da Aldeia à WEB: TIC em uma escola indígena de Miranda-MS. EaD & Tecnologias Digitais na Educação**, Dourados, v. 5, n. 7, p. 119-124, mar. 2018. ISSN 2318-4051. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/ead/article/view/7795>>. Acesso em: 16 fev. 2019. doi:<https://doi.org/10.30612/eadtde.v5i7.7795>.

RENESE, Nicodème. **O que pensam os índios sobre a presença da internet em suas comunidades?** São Paulo-SP. 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-29062012-140714/publico/2011_NicodemeDeRenesse_VRev.pdf>. Acesso em: fev. 2019.

XAVIER, Antonio Carlos. **Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y**. Revista Calidoscópio Vol. 9, n. 1, p. 3-14, jan/abr 2011. ISSN 2177-6202. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/748/149>>. Acesso em: 13 fev. 2019.